

SYLVIA DAY

Preferida

Tradução de
Cláudia Ramos

5 SENTIDOS

1

Nova Iorque era a cidade que nunca dormia; ou sequer tinha sono. O meu apartamento no Upper West Side tinha o nível de isolamento acústico que se esperava de um condomínio multimilionário, mas ainda assim deixava entrar os sons da cidade – o rolar ritmado dos pneus sobre as ruas desgastadas, travagens e aceleradelas, e as eternas e constantes buzínadelas dos taxistas.

Quando saí do café da esquina e entrei na sempre fervilhante Broadway, fui logo invadida pela agitação da cidade. Como é que eu alguma vez viveria sem a cacofonia de Manhattan?

Como é que eu alguma vez imaginara conseguir viver sem *ele*?
Gideon Cross.

Tomei-lhe o queixo entre as mãos, sentindo-o aconchegar o nariz nas minhas palmas. Esse sinal de vulnerabilidade e afeto trespassou-me. Ainda há poucas horas eu pensava que ele jamais mudaria, que teria de me comprometer seriamente para partilhar a vida com ele. E agora, perante a coragem dele, sentia-me a duvidar da minha.

Teria eu exigido demasiado dele, mais do que exigi de mim própria? Envergonhava-me a possibilidade de o ter pressionado para mudar, para evoluir, enquanto eu me mantinha obstinadamente a mesma pessoa.

Ele ficou de pé, à minha frente, tão alto e forte... De jeans e t-shirt e um boné de basebol pela linha das sobranceiras, era impossível identificá-lo como o grande magnata que o mundo pensava conhecer e que, ainda assim, era tão envolvente que afetava qualquer pessoa com quem se cruzasse. Pelo canto do olho, eu notava o modo como as

pessoas passavam por ele e, de seguida, se voltavam para trás, incrédulas, perguntando-se se seria *mesmo* Gideon Cross.

Sempre que Gideon se vestia casualmente – ou optava pelos fatos de três peças feitos à medida – o poder que exalava do seu corpo enxuto e musculado era marcante. A sua postura, a autoridade que ele exercia com perfeito controlo, tornava impossível relegá-lo para segundo plano.

Nova Iorque engolia tudo quanto lhe aparecia à frente, enquanto Gideon Cross levava consigo a cidade presa por uma trela de ouro.

Ele era meu. E, mesmo vendo a minha aliança no dedo dele, eu ainda tinha muitas vezes dificuldades em acreditar nesse facto.

Ele jamais seria um simples homem. Gideon era a ferocidade revestida de elegância, a perfeição raiada de falhas. Ele era o nexo do meu mundo, o nexo *do próprio* mundo.

Contudo, tinha acabado de provar que seria capaz de ceder, de se render até ao impossível para ficar comigo. O que me deixava com uma renovada determinação em provar que tinha valido a pena toda a dor que o tinha obrigado a enfrentar.

À nossa volta, as portas das fachadas das lojas espalhadas pela Broadway começavam a abrir. O fluxo do trânsito nas ruas adensou-se, carros pretos e táxis amarelos oscilando velozmente pela superfície irregular das ruas. Os moradores da zona cruzavam-se pelos passeios, enquanto levavam os cães a passear ou se dirigiam até Central Park para uma corrida matinal, aproveitando ao máximo o pouco tempo de que dispunham até a jornada de trabalho começar a toda a força.

O Mercedes Benz encostou na curva assim que cruzámos a porta do prédio, com a figura encorpada de Raúl ao volante. Angus estacionou o Bentley logo atrás. O meu destino e o de Gideon separavam-se agora, indo cada um para a sua casa. Que raio de casamento era este?

A verdade é que se tratava do *nosso* casamento, se bem que nenhum de nós o desejasse desta forma. Fora obrigada a marcar um limite no dia em que Gideon contratara o meu patrão da agência de publicidade onde eu trabalhava. E, pior, sem sequer me avisar.

Eu sempre entendi a vontade do meu marido em ter-me a trabalhar com ele na Cross Industries, mas pressionar-me a decidir

tomando certas atitudes nas minhas costas? Não podia permiti-lo, nunca com um homem como Gideon. Ou estávamos juntos – tomando decisões *juntos* – ou estávamos demasiado separados para fazer com que a nossa relação desse certo.

Ergui a cabeça e olhei para aquele seu rosto belíssimo. Vi-lhe algum alívio, mas também um certo remorso. E amor. Tanto amor...

Era quase estonteante de tão bonito. Os olhos tinham o azul das Caraíbas, o cabelo era uma melena espessa e brilhante que lhe dava pelo colarinho. Uma mão adoradora havia esculpido cada traço, cada ângulo do seu rosto até a um nível de perfeição tal que me enfeitiçava e quase me impedia de pensar racionalmente. Tinha sido cativada por aquele olhar no primeiro segundo em que o vira, e de vez em quando ainda sentia os neurónios a fritar. Gideon fascinava-me.

Mas era o homem dentro daquele corpo, a sua energia incessante, o poder, a inteligência perspicaz e a frieza implacável aliados a um coração, que eu sabia ser tão terno...

– Obrigada... – A ponta dos meus dedos acariciaram-lhe a linha perfeita e suave da sobrancelha – Por me teres ligado. Por me falares do teu sonho. Por teres vindo aqui ter comigo.

– Iria ter contigo aonde quer que estivesse – As palavras eram uma promessa proferida feroz e intensamente.

Toda a gente tinha demónios. Os de Gideon estavam enjaulados na sua vontade férrea quando estava acordado. A dormir, atormentavam-no sob a forma de pesadelos cruéis e violentos – e que ele sempre se recusara a partilhar comigo. Tínhamos tanto em comum, mas os abusos que ambos sofrêramos na infância representavam um trauma partilhado que, simultaneamente, nos aproximava e afastava. E isso fez com que eu lutasse muito mais por Gideon e por tudo aquilo que tínhamos juntos. Os nossos respetivos abusadores já nos tinham espoliado o suficiente.

– Eva... Tu és a única força na Terra que consegue manter-me afastado de ti.

– Obrigada por isso também – murmurei, de peito apertado. A nossa recente separação tinha sido brutal para ambos. – Eu sei que não foi fácil para ti dares-me espaço, mas ambos precisávamos disso. E eu sei que fui muito dura contigo...

– Demasiado.

A minha boca curvou-se perante a mordida rápida e gélida das suas palavras. Gideon não era um homem habituado a que lhe negassem aquilo que queria. Mas, por mais que tivesse odiado ficar sem mim durante algum tempo, agora estávamos juntos porque essa privação tinha-o feito dar o passo que faltava.

– Eu sei. E tu permitiste-me sê-lo, porque me amas.

– É mais do que amor.

Levou-me as mãos aos pulsos, apertando-os daquele modo autoritário e possessivo que fazia com que tudo no meu interior se rendesse.

Assenti, já sem medo de admitir que precisávamos um do outro a um nível que muitos consideravam pouco saudável. Era assim que éramos, era isto que tínhamos. E era precioso.

– Vamos juntos ao Dr. Petersen – disse ele, num inegável tom de ordem, mas olhando-me nos olhos como se tivesse feito uma pergunta.

– És tão mandão! – brinquei.

Queria muito que nos fizéssemos felizes um ao outro. Tinha essa esperança. A nossa terapia semanal com o Dr. Lyle Peterson era dali a poucas horas e fora marcada no *timing* perfeito. Tínhamos ultrapassado um obstáculo. Bem precisávamos de uma ajudinha para tentar perceber quais os passos a dar a partir daqui.

As mãos dele envolveram-me a cintura.

– E tu adoras.

Levei a mão à bainha da camisa dele e acariciei o algodão suave.
– Eu adoro-te.

– *Eva...*

O seu hálito quente invadiu-me o pescoço. Gemi e mostrei que o desejava, tremendo de prazer de o ter de novo encostado a mim. Inspirei-o – com inalações profundas e lentas, os meus dedos cravando-se nos músculos rígidos das suas costas. Senti desde logo uma inebriante descarga de adrenalina. Era viciada nele – de alma, corpo e coração – e tinha passado dias privada da minha dose, o que me havia deixado trémula e sem equilíbrio, incapaz de funcionar normalmente.

Ele mergulhou sobre mim, apoderando-se, o corpo tão forte e vigoroso. Sentia-me segura no seu abraço, cuidada e protegida. Nada me podia tocar ou magoar quando estava nos braços dele. Queria muito que ele experienciasse essa mesma sensação de segurança comigo. Precisava que ele soubesse que podia baixar a guarda, respirar fundo e deixar-me *a mim* proteger-nos a ambos.

Tinha de me tornar mais forte. Mais esperta. Mais temível. Nós tínhamos inimigos, e Gideon estava a lidar com eles, completamente sozinho. Ser exageradamente protetor era nato nele; e era um dos traços que eu mais admirava nele. Mas eu tinha de começar a mostrar às pessoas que conseguia ser uma adversária tão temível quanto o meu marido.

Mais importante: tinha de o provar a Gideon.

Encostei-me a ele, absorvendo-lhe o calor. O amor.

– Vejo-te às cinco, Campeão.

– Nem mais um minuto – ordenou-me, em tom resmungão.

Eu ri-me, mesmo não querendo, irremediavelmente apaixonada por todas e cada uma das suas facetas, mesmo as mais brutas.

– Ou?...

Afastando-me de si, lançou-me um olhar que me fez encaracolar as unhas dos pés.

– Ou vou eu buscar-te.

* * *

Eu devia ter entrado na *penthouse* do meu padrasto em pontinhas dos pés e sustendo a respiração, uma vez que àquela hora – pouco depois das seis – era mais do que provável ser apanhada a espiolhar. Mas, em vez disso, entrei confiante e decidida – demasiado centrada nos meus pensamentos e nas mudanças que pretendia fazer.

Tinha tempo para um duche – muito pouco – mas decidi não o tomar. Há tanto tempo que Gideon já não me tocava. Era demasiado tempo sem o sentir, sem o corpo dele dentro do meu. Não queria afastar o toque dele da minha memória. Só isso me dava força para fazer o que tinha que ser feito.

Acendeu-se um candeeiro de mesa.

– Eva.

Saltei de susto.

– Credo!

Girei sobre mim mesma e deparei-me com a minha mãe instalada num dos sofás da sala.

– Pregaste-me um susto de morte! – acusei-a, levando a mão ao coração.

Ela levantou-se, a bainha do longo robe de cetim cor de marfim afagando o chão por entre as suas pernas tonificadas e levemente bronzeadas. Eu era a sua única filha, mas parecíamos irmãs. Monica Tramell Barker Mitchell Stanton era obsessiva com o seu aspeto. Sendo uma *esposa troféu* de carreira, a beleza era o seu melhor recurso.

– Antes de começares – disse-lhe –, sim, temos de conversar sobre o casamento. Mas agora preciso mesmo de me arranjar para o trabalho e de...

– Andas a ter um caso?

Aquela pergunta bruta chocou-me mais do que a emboscada que ela acabara de me montar.

– *O quê?* Não!

Ela exalou, baixando-lhe visivelmente a tensão dos ombros.

– Graças a Deus! E és capaz de me dizer que raio se está a passar? Até que ponto foi grave esta última discussão que tiveste com Gideon?

Péssima. Por momentos levou-me a recear que ele tivesse dado cabo de nós com as decisões que tomou.

– Estamos a tentar resolver as coisas, mãe. Apenas passámos por uma fase menos boa na nossa relação, só isso.

– Uma *fase* que te fez evitá-lo dias e dias? Não é assim que se lida com os problemas, Eva.

– É uma longa história...

Ela cruzou os braços.

– Não tenho pressa.

– Mas tenho eu. Tenho de ir trabalhar.

A expressão magoada que ela assumiu provocou-me de imediato uma pontada de remorso.

Em tempos, queria crescer para me tornar igualzinha à minha mãe. Passava horas a vestir as suas roupas, cambaleando sobre os saltos dos sapatos dela, pintalgada com os seus cremes caríssimos e requintada maquilhagem. Tentava imitar aquela voz aspirada e sensual e os seus maneirismos, convencida de que a minha mãe era a mais bonita e perfeita do mundo. E o modo como lidava com os homens, como eles a olhavam, como a serviam... bom, eu sonhava vir a herdar um pouco daquela sua magia.

No fim, acabei por amadurecer à sua imagem e semelhança, tirando o estilo dos nossos cabelos e a cor dos meus olhos. Mas isso era apenas exteriormente. Como mulheres, não podíamos ser mais diferentes e, infelizmente, isso era algo que me deixava orgulhosa. Deixara há muito de lhe pedir conselhos – a não ser quando se tratava de moda e decoração.

Mas isso ia mudar. Agora.

Tinha experimentado toda uma série de novas táticas na abordagem ao meu relacionamento com Gideon. Mas não tinha pedido apoio à única pessoa próxima de mim que sabia o que era casar com homens notáveis e poderosos.

– Preciso dos teus conselhos, mãe.

As minhas palavras pareceram pairar no ar, e, para grande surpresa minha, vi a compreensão estampada nos olhos da minha mãe. Um momento depois afundou-se no sofá como se os joelhos lhe tivessem fraquejado. O choque na expressão dela era visível, mostrando-me até que ponto eu a tinha afastado da minha vida.

Senti-me a sofrer por dentro quando me sentei no sofá em frente ao dela. Aprendera a ser cuidadosa com aquilo que partilhava com a minha mãe, esforçando-me ao máximo por lhe ocultar qualquer informação que pudesse espoletar uma daquelas muitas discussões que davam comigo em doida.

Nem sempre fora assim. O seu enteado, Nathan, tinha conseguido minar a relação extremamente próxima e cúmplice que eu mantinha com a minha mãe – do mesmo modo como me tinha roubado a inocência. Assim que ela soube dos abusos dele, mudou de comportamento – tornando-se superprotetora ao ponto de me perseguir e sufocar com a sua presença. Era extremamente confiante em relação

a tudo na vida dela, à exceção de mim. Comigo, era ansiosa e intrusiva, por vezes raiando o histerismo. Ao longo dos anos, forcei-me muitas vezes – demasiadas – a rodear a verdade, escondendo segredos de toda a gente de quem eu gostava só para manter a paz.

– Eu não sei ser o tipo de mulher que Gideon precisa – confessei.

Ela atirou os ombros para trás, e toda a sua postura se alterou para uma de ultraje total.

– *Ele* anda a ter um caso?

– Não! – exclamei, soltando uma risada relutante. – Ninguém anda a ter casos, mãe. Seríamos incapazes de fazer isso um ao outro. Impossível. Nem te preocupes com isso.

Tive de me perguntar se seria na recente infidelidade da minha mãe para com o meu pai que residia a sua preocupação. Pesar-lhe-ia na consciência? Teria questionado a sua relação com Stanton? Eu não sabia o que sentir em relação a isso. Amava profundamente o meu pai, mas também acreditava que o meu padrasto era o homem ideal para a minha mãe – de acordo com aquilo de que ela precisava num marido.

– Eva...

– Gideon e eu casámos há umas semanas.

Meu Deus, que bom que era deitar isto cá para fora...

Ela olhou-me e pestanejou. Uma, duas vezes.

– O quê?

– Ainda não contei ao pai – prossegui. – Mas tenciono ligar-lhe hoje.

Os olhos dela brilharam de lágrimas.

– *Porquê?* Meu Deus, Eva... como é que tu e eu nos afastámos tanto?

– Não chores – pedi.

Levantei-me, fui ter com ela e sentei-me a seu lado. Tomei-lhe as mãos nas minhas, mas ela puxou-me para os braços dela num abraço feroz.

Inspirei profundamente aquele aroma familiar – o cheiro dela – e senti o tipo de paz que apenas encontramos nos braços de uma mãe. Por segundos que fosse.

– Não foi planeado, mãe. Íamos só passar um fim de semana,

mas... Gideon pediu-me em casamento e tratou de tudo... Foi uma coisa espontânea. Ao sabor do momento.

Ela afastou-se, revelando um rosto manchado de lágrimas e fogo no olhar.

– Ele casou contigo sem um contrato pré-nupcial?

Não contive uma gargalhada. Era impossível. É claro que a minha mãe começaria antes de mais pelas questões financeiras. O dinheiro fora desde sempre a força motora da sua vida.

– Sim, mãe, o acordo existe.

– Eva Lauren! E mandaste alguém verificá-lo? Ou isso também foi *espontâneo*?

– Li atentamente cada palavra.

– Tu não és advogada! Por amor de Deus, Eva... Eu eduquei-te para seres muito mais esperta do que isto.

– Um miúdo de seis anos entenderia aquilo, mãe! – lancei-lhe de volta, irritada com o *verdadeiro* problema do meu casamento.

Gideon e eu tínhamos demasiadas pessoas envolvidas na nossa relação, confundindo-nos, distraíndo-nos ao ponto de ficarmos com muito pouco tempo para analisar as coisas realmente importantes.

– Esquece lá o acordo pré-nupcial agora.

– Devias ter pedido ao Richard que o lesse. E nem percebo por que não o fizeste. É tão irresponsável da tua parte, tão...

– Eu li-o, Monica.

Virámo-nos ambas para o som da voz do meu padrasto. Stanton entrou na sala preparadíssimo para sair para o trabalho, impecável num fato azul-marinho e gravata amarela. Imaginei de imediato que Gideon seria assim quando chegasse à idade do meu padrasto; fisicamente em forma, elegante e sofisticado, e tão macho alfa como sempre.

– Leste? – inquiri, apanhada de surpresa.

– O Cross mandou-mo há umas semanas – declarou Stanton, passando por mim. Dirigiu-se à minha mãe e pegou-lhe na mão.

– Não tive rigorosamente nada contra ou a contrapor.

– Há sempre contrapropostas possíveis, Richard! – argumentou a minha mãe em tom cortante.

– O contrato prevê bônus nos aniversários de Eva, aniversários de casamento, nascimentos de cada filho. E não existe nenhuma exigência feita a Eva, para além do aconselhamento matrimonial. A separação prevê uma distribuição mais do que equitativa em relação aos bens. Ainda me senti tentado a perguntar se Cross teria pedido ao *seu próprio* advogado para o rever. Aposto que devem ter tido acesas discussões em relação ao contrato.

A minha mãe sossegou por um momento, aparentemente considerando a situação. Até que se levantou e apontou um dedo acusador ao marido.

– Mas tu soubeste que eles tinham fugido para casar? Soubeste e não me disseste nada?

– Claro que não soube. – Puxou-a para si e abraçou-a como se ela fosse uma criança. – Calculei que ele estava a querer assegurar o futuro. Sabes que estas coisas levam ainda alguns meses a negociar. Se bem que, neste caso, não poderíamos pedir mais.

Levantei-me. Tinha mesmo de me apressar para chegar ao emprego a horas. E hoje não queria mesmo chegar atrasada.

– Onde é que vais? – quis saber a minha mãe, desfazendo o abraço de Stanton. – Ainda não acabámos de falar neste assunto. Não podes largar uma bomba destas e simplesmente virar costas!

Voltei-me para a encarar e dei um passo atrás.

– A sério, tenho mesmo de me ir arranjar. Que tal encontrarmos-nos para almoçar e falar melhor no assunto?

– Só podes estar a...

A minha resposta cortou-lhe o pio:

– Corinne Giroux.

Os olhos da minha mãe abriram-se, depois semicerraram-se. Um nome. Não precisei de dizer mais nada.

A ex de Gideon era um problema que não necessitava de mais explicações.

* * *

Eram raras as pessoas que chegavam a Manhattan e não se sentiam automaticamente familiarizadas. A linha do horizonte da cidade

já tinha sido imortalizada por tantos filmes e séries, difundindo por todo o mundo a relação amorosa dos residentes de Nova Iorque com a sua cidade...

E eu não era exceção.

Adorava a elegância *art deco* do Chrysler Building. Era capaz de me situar dentro da ilha tendo como referência o Empire State Building. Continuava fascinada pela altura e a envergadura da Torre da Liberdade – que agora dominava a paisagem da baixa. Mas o Edifício Crossfire era a classe propriamente dita. Sempre foi a minha opinião, muito antes de me ter apaixonado pelo homem cuja visão tinha levado à sua conceção.

Enquanto Raúl estacionava o carro junto à curva, eu deixei-me fascinar pelo distinto vidro azul-safira que envolvia a estrutura em obelisco do Crossfire. Inclinei a cabeça para trás, o meu olhar trepou pela fachada altíssima, prendendo-se bem lá no alto – no espaço inundado de luz que albergava a Cross Industries. Transeuntes passavam por mim vindos de todos os lados, os passeios fervilhando de homens e mulheres de negócios, a caminho do trabalho, com as pastas numa mão e um copo de café na outra.

Apercebi-me da presença de Gideon antes de o ver, sentindo um formigueiro pelo corpo ao vê-lo sair do Bentley que, por sua vez, tinha estacionado atrás do Benz. Senti o ar à minha volta carregado de eletricidade, aquela energia crepitante que sempre indica a aproximação de um temporal.

Eu pertencia ao raríssimo número de pessoas que sabia que era a inquietação da alma atormentada de Gideon que acionava a tempestade.

Voltei-me para ele e sorri. Termos chegado ao mesmo tempo não era uma coincidência. Soube-o ainda antes de ver a confirmação nos olhos dele.

Trazia um fato antracite, camisa branca e uma gravata de sarja prateada. O cabelo escuro roçava-lhe o queixo e o colarinho, caindo em mechas onduladas – demasiado sexy. Continuava a olhar para mim com a mesma ferocidade quente e sensual que me incendiou desde o início, mas agora havia ternura naquele azul brilhante e uma

sinceridade que, para mim, significava muito mais do que qualquer outra coisa que ele tivesse para me dar.

Avancei ao vê-lo aproximar-se.

– Bom dia, Sombrio e Perigoso.

Os lábios curvaram-se num meio-sorriso. Percebi-lhe nos olhos que estava divertido.

– Bom dia, esposa.

Estendi-lhe a mão, sentindo a dele forte e macia quando me apertou firmemente.

– Esta manhã contei à minha mãe... sobre termos casado.

Uma sobrancelha escura arqueou-se de surpresa, e o sorriso dele passou a prazeroso e triunfante.

– Ótimo.

Não consegui evitar rir-me daquela sua possessividade quase infantil, e dei-lhe um leve empurrão ombro com ombro. Rápido como um relâmpago, Gideon voltou-se e agarrou-me, puxando-me para si para beijar o canto da minha boca sorridente.

Gideon tinha uma alegria contagiante. Senti-a fervilhar dentro de mim, iluminando tudo o que em mim se tinha tornado tão sombrio nos últimos dias.

– Vou ligar ao meu pai ainda hoje, assim que tenha uma pausa. Quero contar-lhe.

– Porquê agora e não antes?

Falou num tom suave, baixando o volume para nos permitir alguma privacidade. Centenas de pessoas a caminho dos seus empregos continuavam a passar pelo meio de nós, sem contudo dar pela nossa presença. Ainda assim hesitei em responder, sentindo-me demasiado exposta.

Até que... a verdade saiu-me mais facilmente do que nunca. Tinha escondido tantas coisas das pessoas que eu amava, e durante tanto tempo... Coisas pequenas, coisas grandes. Tentando sempre manter o *status quo* – e ao mesmo tempo acalentando a esperança de que as coisas viessem a mudar. Precisando desesperadamente dessa mudança.

– Tive medo – disse-lhe.

Ele aproximou-se mais, o olhar mais intenso.

– E agora não tens.

- Não.
- Logo à noite explicas-me porquê.
- Sim, eu digo-te.

A mão dele envolveu-me a nuca, num gesto terno e possessivo ao mesmo tempo. A sua expressão era impassível, não denunciando nenhum tipo de alvoroço, mas os olhos... aqueles olhos tão azuis... ferviam de emoção.

- Vamos conseguir, meu anjo.

O amor correu por mim adentro como um bom vinho aveludado.

- Podes crer que vamos.

* * *

Era estranho entrar pelas portas da Waters Field & Leaman, enquanto contava mentalmente os dias de que me poderia gabar ter trabalhado nesta tão prestigiada agência de publicidade. Megumi Kaba acenou-me por detrás da secretária da receção, fazendo-me sinal de que estava com uma chamada importante e não podia falar comigo. Acenei-lhe de volta e dirigi-me à minha secretária, determinada. Tinha muita coisa a tratar, um novo início a construir.

Mas, primeiro, o mais importante. Guardei a carteira na gaveta, por baixo da secretária, e de seguida instalei-me na minha cadeira e tratei de entrar no site da minha florista habitual. Sabia bem o que queria. Duas dúzias de rosas brancas numa jarra de cristal vermelho-vivo.

Branco. Pela pureza. Pela amizade. Pelo amor eterno. Era também a cor da bandeira da rendição. Eu tinha criado linhas de batalha ao forçar uma separação entre mim e Gideon, e no fim ganhara. Mas tudo o que eu menos queria era uma guerra com o meu marido.

Nem sequer tentei engendrar uma daquelas minhas mensagens engraçadas para acompanhar as flores, como era meu hábito. Limitei-me a escrever do coração:

*És um milagre, Mr. Cross.
Admiro-te e amo-te muito.
Mrs. Cross*

Assim que o meu pedido ficou registado no site da florista, levou-me ainda um momento a imaginar o que Gideon iria pensar da minha prenda. Sempre sonhei poder vê-lo a receber flores minhas. Será que sorriria quando Scott, o assistente, lhas entregasse? Interromperia qualquer reunião para ler o meu cartão? Ou preferiria esperar por um dos seus raríssimos momentos de privacidade da sua ocupadíssima agenda?

Sorri para mim própria ao considerar as possibilidades. Adorava oferecer presentes a Gideon.

E em breve teria muito mais tempo livre para os escolher e comprar eu mesma.

* * *

– Estás a despedir-te?!

O olhar incrédulo de Mark Garrity ergueu-se da minha carta de demissão para encontrar o meu.

Senti um nó no estômago perante a expressão do meu chefe.

– Sim... Desculpa, mas não me foi mesmo possível cumprir o aviso prévio.

– *Amanhã* é o teu último dia? – perguntou ele, recostando-se na cadeira.

Os seus olhos eram de um tom de chocolate de leite, mais claros que a sua pele, e o seu rosto expressava ao mesmo tempo descrença e consternação.

– Porquê, Eva?

Suspirei e inclinei-me para a frente poisando os cotovelos nos joelhos. E, uma vez mais, saiu-me a verdade.

– Sei que é muito pouco profissional despedir-me assim, mas... tenho mesmo de rever as minhas prioridades neste momento. Não consigo dedicar total atenção ao trabalho nesta fase da minha vida, Mark. Perdoa-me.

– Eu... – Suspirou fundo e passou uma mão pelos caracóis apertados e escuros. – Bolas, o que é que queres que eu diga?

– Que me perdoas e que não ficas chateado comigo? – Soltei uma risada nervosa. – Eu sei que é pedir muito.

Mark lá conseguiu esboçar um meio-sorriso.

– Detesto a ideia de te perder, Eva, sabes isso. Não sei se alguma vez te disse quão importante és nesta empresa, e quanto contribuístes para ela. Fazes com que eu seja melhor profissional.

– Obrigada, Mark... Fico muito sensibilizada.

Meu Deus, isto estava a ser mais difícil do que eu imaginara, mesmo sabendo que era a decisão mais acertada – e a única – a tomar.

O meu olhar passou do bonito rosto do meu patrão para a vista por detrás dele. Como gestor de contas júnior, tinha um pequeno gabinete, e a paisagem estava parcialmente coberta pelo prédio do lado de lá da rua, mas, ainda assim, continuava a exibir a quintessência de Nova Iorque – tal como o fabuloso gabinete de Gideon Cross no último andar do edifício, logo acima de nós. Em muitos aspetos, aquela divisão de andares espelhava o modo como eu tentara definir a minha relação com Gideon. Eu sabia quem ele era. Sabia *o que* ele era: um homem numa classe à parte. Eu adorava isso nele e não queria que mudasse; queria apenas subir ao nível dele por mérito próprio. Só me esqueci de ter em consideração que, ao recusar-me terminantemente a aceitar que o nosso casamento mudaria os meus planos, acabei por o arrastar comigo, forçando-o a aceitar os meus.

Para muitas pessoas, nunca me seria reconhecido o mérito de ter subido a pulso na minha carreira. Haveria sempre a crença que eu tinha subido na horizontal. E eu tinha de saber viver com isso.

– E agora... o que contas fazer a partir daqui?

– Muito honestamente... ainda estou a tentar perceber. Só sei que não posso continuar aqui.

O meu casamento não estava em situação de aguentar mais pressão sem desabar, e tinha sido eu a levá-lo até à beira do precipício, tentando distanciar-me um pouco. Optando por colocar-me a mim em primeiro lugar.

Gideon Cross era tão vasto e profundo quanto o oceano, e eu temi ter-me afogado nele desde o primeiro momento em que o vi. Já não podia viver mais com esse receio. Não depois de me ter apercebido de que o meu maior pavor era perdê-lo.

Ao tentar manter-me imparcial, tinha acabado por ser literalmente varrida de um lado para o outro. E ao sentir-me de tal maneira

irritada por causa disso, não parei para pensar que, se o que eu queria era controlo, então teria de o assumir.

– Tem a ver com a conta da LanCorp? – perguntou Mark.

– Em parte.

Nervosa, alisei a minha saia risca-de-giz, afastando mentalmente os resquícios de ressentimento que ainda guardava pelo facto de Gideon ter contratado Mark nas minhas costas. O elemento catalisador foi a LanCorp ter abordado a Waters Field & Leaman pedindo especificamente o Mark para lhes gerir a conta – e consequentemente, a mim –, uma manobra que Gideon encarou com suspeição. O *esquema Ponzi* – a famosa fraude financeira em pirâmide engendrada por Geoffrey Cross – conseguira dizimar a fortuna da família Landon, e ainda que Ryan Landon e Gideon tivessem conseguido reverter a situação e recuperado o que os respetivos pais haviam perdido, Landon não se deu por satisfeito e manteve-se sedento de vingança.

– Mas sobretudo por razões pessoais – acrescentei, por fim.

Mark endireitou-se e poisou os cotovelos em cima da secretária, inclinando-se para mim.

– Não é que eu tenha algo a ver com isso, nem me quero intrometer, mas tu sabes que Steven, Shawna e eu próprio estamos todos cá para ti, caso precises de nós. Preocupamos-te contigo.

A sinceridade dele marejou-me os olhos de lágrimas. O noivo de Mark, Steven Ellison, e a irmã deste, Shawna, tinham-se tornado grandes amigos durante os meses seguintes à minha vinda para Nova Iorque – fazendo parte da rede de amigos que eu fui construindo nesta nova fase da minha vida. E, acontecesse o que acontecesse, eu não queria perdê-los.

– Eu sei – sorri-lhe por entre as lágrimas. – Se precisar de vocês, juro que conto convosco. Mas vai tudo resolver-se pelo melhor, fica descansado. Para todos nós.

Mark relaxou e devolveu-me o sorriso.

– O Steven vai-se passar. Talvez seja melhor seres tu a contar-lhe.

Pensar no construtor civil, corpulento e tão simpático e sociável, ajudou-me a afastar a tristeza. Steven iria certamente dar-me na cabeça por eu ter desiludido o seu amado, mas eu sabia que ele compreenderia.

– Oh, por favor! – gemi eu na brincadeira. – Não me vais obrigar a fazer isso, pois não? Não tornes as coisas ainda mais duras.

– Sabes como eu adoro tornar *as coisas* mais duras...

Ri-me. Sim... ia sentir muita falta de Mark e do meu emprego. Muita mesmo.

* * *

Assim que tive uma pausa, ainda era muito cedo em Oceanside, na Califórnia; por isso, em vez de ligar, optei por mandar uma mensagem ao meu pai:

Liga quando acordares, ok? Preciso de falar contigo.

E, como sabia que ser polícia, aliado ao facto de ser pai, fazia de Victor Reyes um eterno preocupado, acrescentei:

Não é nada de mau, só novidades.

Assim que poisei o telemóvel na bancada do café da sala de convívio, ele tocou de imediato. O bonito rosto do meu pai surgiu-me no ecrã, numa foto que lhe realçava os olhos cinzentos que eu herdara dele.

Fui automaticamente tomada por uma crise de ansiedade. Peguei no telemóvel com as mãos a tremer. Eu adorava os meus pais, mas desde cedo aprendera que o meu pai sentia as coisas de maneira diferente da minha mãe. Enquanto ela nunca hesitava em apontar-me os defeitos e em ensinar-me a melhor forma de lidar com eles, o meu pai nem parecia saber que *eu tinha* defeitos. Desapontá-lo... magoá-lo... custava-me horrores só de pensar.

– Olá, pai! Como estás?

– Isso pergunto eu, minha querida. Eu estou na mesma, e tu? O que é que se passou?

Puxei uma cadeira da mesa onde geralmente o pessoal se instalava para conviver, e sentei-me – mais para controlar os nervos.

– Disse-te que não era nada de mau e lá estás tu preocupado... Acordei-te?

– É meu dever preocupar-me – disse ele em tom divertido. – E já estava a preparar-me para uma corridinha matinal, por isso, não, não me acordaste. Conta lá as novidades.

– Hmm... – sufocada por lágrimas, esforcei-me por engoli-las.
– Bolas, isto é muito mais difícil do que eu pensava. Até disse ao Gideon que era a mãe que mais me preocupava, e que contigo não havia problema, e agora... sinto...

– Eva...

Inspirei profundamente.

– Gideon e eu casámos em segredo.

Do lado de lá, um silêncio ensurdecedor.

– Pai?

– Quando? – A amargura na voz dele matou-me.

– Há duas semanas.

– Antes de me teres visitado?

Aclarei a garganta.

– Sim.

Silêncio.

Meu Deus! Que coisa horrível! Há poucas semanas tinha-lhe contado tudo sobre os abusos de Nathan e isso ia dando cabo dele. E agora...

– Pai, a sério, estás a assustar-me! Nós... estávamos numa ilha lindíssima e... o *resort* onde ficámos organizava casamentos a toda a hora, era tudo tão simples... tipo Las Vegas. Tinham um oficiante de serviço vinte e quatro horas por dia, e tratavam de toda a papelada legal na altura... Foi o momento perfeito, entendes? A oportunidade perfeita. – A voz falhou-me. – Por favor, pai, diz qualquer coisa.

– Eu... não sei o que dizer.

Uma lágrima quente rolou-me pela face. A minha mãe tinha escolhido o dinheiro em detrimento do amor, e Gideon era o exemplo perfeito do tipo de homem que a minha mãe teria escolhido em vez do meu pai. Eu sabia que isso tinha criado um preconceito que o meu pai levou anos a ultrapassar, e agora víamo-nos perante esta barreira.

– Mas vamos fazer a cerimónia na mesma – disse-lhe, tentando emendar a mão. – Queremos a nossa família e amigos connosco quando proferirmos os nossos votos.

– Era precisamente isso que eu esperava, Eva – rosnou ele.
– Bolas! Sinto que Cross me roubou algo precioso! Era suposto eu *dar-lhe* a tua mão, estava a preparar-me para isso, e ele pega em ti

e foge? E tu não me contaste? Estiveste aqui, *em minha casa*, e não foste capaz de me dizer nada? Tens noção de quanto isso me magoa, Eva? Dói muito!

Não tive como conter as lágrimas depois disto. Jorraram salgadas e quentes, toldando-me a vista e sufocando-me a garganta.

Dei um salto na cadeira quando a porta da sala de convívio se abriu, deixando entrar Will Granger.

– Ela deve estar aqui... – disse o meu colega. – Sim, aqui está ela!

Calou-se subitamente assim que viu a minha cara, e os olhos perderam o sorriso por detrás dos óculos retangulares.

Um braço atrás dele afastou-o subitamente para o lado.

Gideon. O seu corpo ocupava totalmente a ombreira da porta, os olhos recaíram em mim e gelaram instantaneamente. Pareceu-me subitamente um anjo vingador, com o fato requintadíssimo que o tornava simultaneamente preparado e perigoso, o rosto endurecido numa máscara lindíssima.

Pisquei os olhos, com o meu cérebro a tentar processar as razões pelas quais ele estaria ali. Mas antes disso, já ele me tinha sacado o telemóvel da mão, olhando primeiro para o rosto no ecrã antes de o levar ao ouvido.

– Victor... – O nome do meu pai soou como um aviso. – Parece que deixou a Eva de rastos, por isso, a partir de agora, fala comigo.

Will deu um passo atrás e saiu precipitadamente, fechando a porta atrás de si.

Não obstante a frieza das palavras de Gideon ao telefone, senti-lhe os dedos, que me acariciaram o rosto, infinitamente gentis. O seu olhar estava focado no meu, aquele azul-turquesa coberto por uma fúria gélida que quase me fez tremer.

Fogo, Gideon estava *furioso*. E o meu pai também. Conseguia ouvir a voz dele da cadeira onde estava sentada.

Apanhei o pulso de Gideon, abanando a cabeça, num pânico súbito, receando que os dois homens que eu mais amava pudessem acabar por se odiar.

– Está tudo bem – sussurrei. – Eu estou bem.

Ele semicerrou os olhos e articulou: *Não, não estás*.

Quando voltou a falar para o meu pai, a voz de Gideon estava

firme e controlada – e isso só fez com que eu ficasse ainda mais assustada.

– Tem toda a razão em estar zangado, concedo-lhe isso. Mas não quero a minha mulher perturbada desta maneira... Não, obviamente que não imagino, uma vez que não sou pai...

Esforcei-me por ouvir, esperando que o facto de ter baixado o tom de voz significasse que o meu pai se estava a acalmar e não a enervar-se ainda mais.

De súbito, Gideon pareceu retesar-se e tirou a mão do meu ombro.

– Não, claro que não gostaria que a minha irmã se casasse em segredo. Dito isto, não foi a ela que isso aconteceu...

Estremeci. Era impressionante como o meu marido e o meu pai eram parecidos nisso: eram ambos incredivelmente protetores para com aqueles que amavam.

– Para si estou sempre disponível, Victor. Até posso ir ter consigo, se preferir. Quando me casei com a sua filha, assumi plena responsabilidade não só por ela como pela sua felicidade. A haver consequências para eu enfrentar, não tenho nenhum problema com isso.

Semicerrou os olhos ao ouvir a resposta.

Depois, Gideon sentou-se à minha frente na mesa, e ligou a alta-voz.

A voz do meu pai encheu o ambiente.

– Eva?

Respirei trémula e profundamente e apertei a mão que Gideon me estendeu.

– Sim, pai... estou a ouvir-te.

– Querida... – Também ele respirou fundo. – Não fiques triste, ok? Eu... só preciso de assimilar tudo isto. Não estava nada à espera de uma notícia destas e... tenho de processar as coisas na minha cabeça. Falamos logo à noite, pode ser? Quando acabar o meu turno?

– Sim, claro.

– Ótimo. – Fez uma pausa.

– Adoro-te, papá.

O som das minhas lágrimas colou-se à minha voz e Gideon fez deslizar a cadeira para a minha frente, as coxas dele abarcando as minhas. Era espantosa a força que eu retirava dele, o alívio que

sentia quando o tinha junto a mim. Era um apoio diferente do que eu recebia de Cary. O meu melhor amigo era quem me ouvia, quem me animava e fazia rir, quem me elogiava. Gideon era um escudo.

E eu tinha de ser suficientemente forte para admitir quando precisava de um.

– Também te adoro, querida – ouvi o meu pai dizer, com uma nota de dor na voz que me dilacerou o coração. – Ligo-te logo.

– Ok. Eu... – Que mais poderia dizer? – Até logo, pai.

Gideon desligou a chamada, depois pegou-me nas mãos trémulas e envolveu-as com as suas. Os olhos dele cravaram-se nos meus, o gelo derretendo-se em ternura.

– Não quero que sintas vergonha de mim, Eva. Entendido?

– Não sinto – disse, abanando a cabeça.

Ele tomou-me o rosto entre as mãos, limpando-me as lágrimas com os polegares.

– Eu não aguento ver-te chorar, meu anjo.

Esforcei-me por afastar a dor, empurrando-a para um canto para poder lidar com ela mais tarde.

– Como é que apareces aqui? Como é que soubeste?

– Vim para te agradecer as flores – murmurou.

– Ah... Gostaste? – Consegui esboçar um sorriso. – Queria que pensasses em mim.

– A toda a hora. A cada minuto...

Levou as mãos às minhas coxas e puxou-me para si.

– Podias ter-me ligado a agradecer.

– Ah... – O sorrisinho malandro dele fez-me acelerar a pulsação. – Mas assim não podia fazer isto...

Gideon puxou-me para o seu colo e beijou-me de forma quente e apaixonada.

* * *

Vens dormir a casa hoje? dizia a mensagem que Cary me mandou, enquanto eu esperava pelo elevador para ir almoçar. A minha mãe já estava no átrio à minha espera e eu esforçava-me por arrumar os pensamentos antes de a enfrentar. Ainda tínhamos muito do que falar.

Meu Deus, só esperava que ela me ajudasse a lidar com tudo isto.

Espero q sim – respondi ao meu adorado companheiro de apartamento, por vezes chato como o raio, teclando enquanto entrava no elevador. *Tenho reunião, dp almoço, e janto c Gideon. Devo chegar tarde.*

Jantar romântico? Uau, vais ter de me contar tudo.

Claro – respondi com um *smiley*.

O Trey ligou-me.

Exalei rapidamente, como se tivesse sustido a respiração. E se calhar até tinha.

Não podia culpar o namorado *vai-não-vai* de Cary por ter dado um passo gigante atrás quando soube que a miúda com quem ele dava umas voltas tinha ficado grávida. Trey já sofria horrores por ter de lidar com a bissexualidade de Cary e agora, com a chegada de um bebé, significava que passaria a haver *sempre* uma terceira pessoa na relação.

Não havia dúvidas de que Cary deveria ter-se comprometido com Trey muito mais cedo, em vez de deixar em aberto as suas opções, mas eu também entendia o medo que existia por detrás das ações do meu melhor amigo. Conhecia demasiado bem os pensamentos que nos atravessavam a cabeça depois de termos passado por aquilo que tanto ele como eu tínhamos vivido – mesmo encontrando posteriormente alguém maravilhoso que nos amava sem reservas.

Quando era bom de mais para ser verdade, não podia ser real, pensávamos.

Eu também simpatizava imenso com Trey, e se ele decidisse acabar com tudo teria de respeitar essa decisão. Mas a verdade é que ele era a melhor coisa que tinha acontecido na vida de Cary desde há muito tempo. Ficaria tristíssima se a relação entre eles não desse certo.

O q é q ele queria?

Conto quando estiver ctg.

Cary, q mau!

A resposta dele só chegou quando eu já estava a atravessar o amplo átrio do edifício:

A quem o dizes.

Senti um baque no coração, porque não havia como interpretar aquilo como uma boa notícia. Afastando-me para deixar os outros passarem, teclei em resposta: *Amo-te até ao infinito, Cary Taylor.*

Tb te amo, bebé.

– Eva!

A minha mãe atravessou o espaço entre nós, delicadamente empoleirada numa sandália altíssima – uma mulher impossível de passar despercebida mesmo entre a confusão de pessoas, em plena hora de almoço, entrando e saindo do Crossfire. *Petite* como era, seria natural Monica Stanton se perdesse no meio daquele mar de executivos e secretárias, mas chamava demasiado a atenção para que tal acontecesse.

Carisma. Sensualidade. Fragilidade. Fora esta combinação explosiva que fizera de Marilyn Monroe uma estrela – e era exatamente o mesmo que acontecia com a minha mãe. Com um macacão sem mangas azul-marinho, Monica Stanton parecia muito mais nova e bem mais confiante do que eu sabia que ela era. As *panteras Cartier* que lhe emolduravam a garganta e o pulso diziam, a quem a observava, que aquela era uma mulher *dispendiosa*.

Veio direita a mim e envolveu-me num abraço que me deixou surpreendida.

– Mãe...

– Tu estás bem? – Afastando-me, estudou-me o rosto.

– O quê? Claro. Porquê?

– O teu pai ligou-me.

– Ah... – Olhei-a com expressão entristecida. – Não reagiu lá muito bem à notícia.

– Não. De facto, não. – Entrelaçou o braço no meu, e dirigimo-nos à saída. – Mas está a tentar absorver a notícia. Ainda não estava preparado para te deixar ir...

– Porque eu faço-o lembrar-se de ti..

Para o meu pai, tinha sido a minha mãe a acabar com o casamento. Continuava a amá-la, mesmo após mais de duas décadas separados.

– Disparate, Eva. Somos parecidas, mas tu és muito mais interessante.

Aquilo arrancou-me uma gargalhada.

– Gideon também me diz que eu sou interessante.

Ela respondeu com um sorriso radioso, fazendo um homem, que se cruzou com ela, quase desfalecer aos seus pés.

– É claro, ele é um verdadeiro *connaisseur* do sexo feminino. Por mais linda que sejas, não seria apenas a beleza que o levaria a querer casar contigo.

Chegámos às portas giratórias e eu deixei a minha mãe passar primeiro. Fui atingida por um horrível bafo de calor assim que me juntei a ela no passeio, sentindo desde logo a pele húmida de transpiração. Houve alturas em que eu cheguei a duvidar seriamente se conseguiria aguentar a humidade pegajosa de Nova Iorque, mas acabei por aceitá-la como um dos senãos de viver na cidade que tanto amava. A primavera tinha sido fabulosa e sabia que o outono também seria. A altura do ano ideal para renovar os votos com o homem que me possuía de coração e alma.

Estava eu a agradecer a Deus pelo ar condicionado, quando vi o chefe dos seguranças de Stanton à espera na curva, num carro preto.

Benjamin Clancy, o motorista, cumprimentou-me com um elegante aceno de cabeça. Ainda que a sua atitude fosse eternamente formal, apetecia-me abraçá-lo e beijá-lo sempre que o via – de tão grata que lhe estava.

Gideon matara Nathan para me proteger. Clancy assegurara-se de que Gideon jamais seria acusado desse crime.

– Olá! – disse-lhe, vendo o meu sorriso refletido nos seus óculos escuros espelhados.

– Eva, que prazer revê-la.

– Estava precisamente a pensar o mesmo.

Ele não sorriu, não era o género dele. Mas eu senti-lhe o sorriso interior.

A minha mãe entrou primeiro para o banco de trás, e eu segui-a. Ainda antes sequer de Clancy rodear o carro para se sentar ao volante já ela se tinha voltado para mim, pegando-me na mão.

– Não te preocupes com o teu pai. Sabes que ele tem aquele temperamento latino meio explosivo, mas nunca dura muito. Tudo o que ele deseja é certificar-se de que tu estás feliz.

Apertei-lhe os dedos suavemente.

– Eu sei, mas eu quero muito... *mesmo muito*, que o pai e Gideon se deem bem.

– São ambos extremamente obstinados, querida. Há de haver alturas em que se vão chocar.

Ela tinha razão. Eu gostava de sonhar que eles se dariam como dois bons companheiros, partilhando gostos e interesses, carros ou algum desporto, com toda a jovialidade que esse tipo de relação acarreta – gargalhadas comuns e palmadas nas costas, essas coisas. Mas tinha de encarar a realidade, fosse qual fosse a que se viesse a revelar.

– Tens razão – concedi-lhe. Ambos são crianças grandes. Mas hão de entender-se... espero.

– Claro que sim.

Suspirei e olhei pela janela, antes de mudar de assunto.

– Penso que já engendrei uma solução para o assunto Corrine Giroux.

Ela fez uma pausa antes de falar.

– Eva, tu tens de tirar essa mulher da tua cabeça. Ao dares-lhe importância estás também a dar-lhe um poder que ela não merece.

– Fomos nós que lhe permitimos ser um problema, com tanto secretismo. – Voltei-me para olhar para ela. – O mundo tem um apetite voraz por tudo o que diga respeito a Gideon. É lindo, rico, sexy e brilhante. As pessoas querem saber tudo acerca dele, mas ele faz questão de manter a sua privacidade ao ponto de não deixar que se saiba praticamente nada da vida dele. E foi isto que deu a Corrine a abertura para escrever a sua autobiografia dos tempos em que estiveram juntos.

A minha mãe olhou-me com expressão preocupada.

– Em que é que estás a pensar?

Procurei na minha mala o meu tablet, liguei-o e observei:

– Precisamos de lhe dar mais *deste tipo* de coisas.

Passei o dedo pelo ecrã e mostrei-lhe uma fotografia minha e de Gideon tirada ainda há poucas horas em frente ao Crossfire. Ele tinha a mão na minha nuca, numa atitude ao mesmo tempo possessiva e terna, enquanto o meu rosto erguido para ele revelava amor puro e adoração. Revolvia-me o estômago ver um momento tão íntimo

assim escancarado para o mundo inteiro ver, mas tinha de me conformar. Já tantas vezes o tinha feito...

– Gideon e eu temos de deixar de nos esconder – esclareci-a.

– Temos é de ser *vistos*. Passamos demasiado tempo enclausurados. O público quer ver o famoso playboy multimilionário finalmente transformado em Príncipe Encantado. Querem contos de fadas, mãe, querem finais felizes. Preciso de dar às pessoas a história que elas querem, e, ao fazê-lo, estarei a provar que tanto Corrine como o seu livro são absolutamente *patéticos*.

A minha mãe levou os ombros atrás.

– Acho essa ideia horrível.

– Não, não é.

– É horrível, sim, Eva! Não se troca a nossa privacidade, conquistada sabe-se lá a que preço, por... *nada*! Se alimentares essa aterradora curiosidade do público, ela não para de aumentar – pelo contrário. Por amor de Deus, não vais querer vir a tornar-te uma estrela da imprensa sensacionalista, pois não?

– É claro que não. Nem sequer vou dar-lhes essa hipótese.

– E para quê arriscar? – Ela aumentou o tom de voz e a irritação.

– Por causa da Corinne Giroux? O livro dela há de sair e dias depois há de cair no esquecimento, mas tu jamais te conseguirás livrar dessa atenção e dos holofotes que agora estás a reclamar...

– A sério, não te percebo. Não há como ser-se casada com Gideon e não atrair as atenções, entendes? Por isso, o melhor mesmo é ser *eu* a gerir essa situação de acordo com o que *me* convém.

– Há uma diferença entre ser-se importante e ser-se capa de todos os pasquins da semana!

Grunhi por dentro.

– Penso que estás a fazer disto um drama que não existe.

Ela abanou a cabeça.

– Estou a dizer-te, Eva, que esta não é a maneira certa de lidar com a situação. Já falaste com Gideon sobre isto? Não me parece que ele vá concordar.

Olhei fixamente para ela, estranhando *verdadeiramente* a sua reação. Achava que a minha mãe me daria razão e apoiaria a cem por

cento, tendo em conta o que ela considerava ser um *bom casamento* e tudo o que isso implicava.

Foi então que lhe vi o medo cingir-lhe os lábios e ensombrar-lhe os olhos.

Falei-lhe num tom doce, dando mentalmente um estalo a mim própria por não ter percebido logo.

– Mãe... Já não temos de nos preocupar com o Nathan, sabes disso.

Ela devolveu-me o olhar fixo.

– Pois não – concordou, sem contudo sossegar. – Mas veres tudo o que fizeste... tudo o que disseste ou decidiste... completamente deturpado e dissecado, exclusivamente para gáudio dos devoradores da devassa pessoal, pode vir a revelar-se um verdadeiro pesadelo.

– Não vou permitir que seja essa gente a ditar o modo como eu e o meu casamento são entendidos!

Estava farta de me sentir... uma vítima. Queria ser eu *finalmente* a passar à ofensiva.

– Eva, tu não...

– Ou me dás uma alternativa que não seja eu ficar sentadinha sem fazer nada, ou esquece o assunto, mãe. – Virei a cara para a janela.

– Estou a ver que não vamos concordar nisto, e não tenciono mudar de ideias a não ser que me seja apresentada outra opção.

Ela emitiu um barulhinho frustrado e caiu no silêncio.

Senti os dedos nervosos, tal era a vontade que tinha de mandar uma mensagem a Gideon e desabafar. Ele dissera-me uma vez que eu era exímia em gestão de crises. Até sugeriu que eu cedesse os meus talentos à Cross Industries como mediadora.

Porque não começar antes com algo bem mais íntimo e importante?